

Águeda Aparecida da Cruz Borges

guidabcruz@hotmail.com

**1** Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), mestre e doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora da Universidade Federal de Mato Grosso, campus universitário do Araguaia

## Resumo

Sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso de base materialista, procuro compreender os materiais significantes recortados para análise, dentre eles algumas imagens, que concebo como discurso. O objetivo é mostrar a partir das análises, mais uma vez, o modo revolucionário de leitura proporcionado pela teoria, já que esta supera a transparência da linguagem e, além disso, atravessa a estrutura linguística, pois considera outras materialidades significantes: a imagem, a cidade, por exemplo, sobre o que imprimo o olhar, trazendo para o presente, uma memória indígena Xavante na cidade de Barra do Garças (MT), que se inscreve nesses materiais.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; Memória; Materialidades.

## Memória e atualidade: um percurso, um olhar, um (des)encontro

*Memory and news: a journey, a look, a  
(des) meeting*

## Abstract

Under the theoretical perspective of the materialist basis of Discourse Analysis, I try to understand the significant materials delimited for analysis, including some pictures, which I conceive as speech. The objective is to show, again, from the analysis, the revolutionary way of reading provided by theory, since it overcomes the transparency of language and, in addition, permeate the linguistic structure, considering other significant materialities: the image, the town, for example, over what I printed the look, bringing to the present, a Xavante indigenous memory in the city of Barra do Garças (MT), which forms part of these materials.

**Keywords:** Discourse Analysis; Memory; Materialities.

# I n t r o d u ç ã o

**A** introdução de um texto exige alguns elementos para que, a partir deles, sejam desenvolvidos os trajetos... Este texto traz como corpus alguns materiais aparados da tese de doutorado que defendi em 2013. São aqueles recortes, que continuam a incomodar povoando a memória e colocando questões.

O objetivo principal compreende em chamar a atenção, mais uma vez, para o modo revolucionário de leitura proporcionado pela Análise de Discurso, que supera a transparência da linguagem e, ainda mais, atravessa a estrutura linguística, pois considera outras materialidades significantes: a imagem, a cidade, neste caso, Xavante na cidade de Barra do Garças (MT), sobre o que imprimo o olhar, trazendo para o presente os sentidos que se inscrevem nesses materiais.

## Discurso e memória

Assim, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso de base materialista, procuro compreender, o “corpus” como arquivo conforme define Pêcheux (1982, p. 57), “no sentido amplo do campo de documentos pertencentes e disponíveis sobre uma questão”, muito produtiva nos estudos da Análise de Discurso. Não se trata de considerar tal noção como enunciados conservados por uma via arquivística, mas como um modo de acompanhar as práticas discursivas de uma sociedade, acerca de um tema, de um assunto. Citando Guilhaumou e Maldié (2010, p. 162):

A partir da busca por aquilo que instala o social no interior do político, não pudemos mais ignorar a multiplicidade de dispositivos textuais disponíveis. Vemos

que a Análise de Discurso ampliou seu campo de investigação: do interesse pelo discurso doutrinário ou institucional, ela passou ao que poderíamos chamar a história social dos textos.

As imagens, de acordo com Orlandi (2010), concebo como discurso. A autora diz que a imagem carrega o deslocamento de sentidos, tem pontos de deriva, incide em outros discursos. Dessa maneira, funciona com o verbal na construção da memória discursiva (a memória do dizer).

Observar o discurso, na opacidade do não verbal, faz com que, segundo Pêcheux (2007) em *O Papel da Memória*, o tema da imagem seja revisto. O autor escreve que a questão da imagem encontra a análise de discurso por outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições) (PÊCHEUX, 2007, p. 55).

O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma

imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. Movimento totalmente inverso ao que ocorre com a linguagem verbal, pois quanto mais se segmenta a língua, menos ela significa.

E é pensando sobre tais aspectos que considero importante escrever, também, sobre os efeitos de sentido da teoria em mim, sinto a mudança na compreensão dos materiais, da sociedade, do mundo que me trouxeram para esta reflexão, ou seja, me possibilitaram produzir deste e não de outro modo este texto. É no momento em que eu me debruço sobre as leituras, antes incompreensíveis, e agora significando, ao passo que vai se dando o movimento no gesto de interpretação, permitindo a construção do arquivo colado à teoria, que me constituo, subjetivamente e, também, como analista. É no/pelo gesto de interpretação, desde a seleção dos materiais para a construção do “corpus”, que é o procedimento metodológico da Análise de Discurso, que nos conformamos eu e o texto.

De acordo com Nunes (1994, p. 30-31) “a interpretação só é possível para algo que é da ordem do sujeito, e não da língua, das gramáticas”, se na/pela Análise de Discurso consideramos o “outro”, per-

cebemos conforme o autor que é, também, nessa direção que Pêcheux define a possibilidade do ato interpretativo: o outro como “o próprio princípio do real histórico”:

É porque há o “outro” nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas se podem organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes (PÊCHEUX, 1990, p. 54).

O trabalho de leitura e produção, desde a seleção dos materiais contribui para que nos conheçamos e ao Outro, o diferente, o indígena Xavante presente na cidade de Barra do Garças (MT) e afirmemos que ele é atravessado pela memória discursiva, aquilo que retorna pela formulação de um já-dito, estruturado pelo esquecimento ideológico, da ordem do inconsciente, que nos interpela e nos afeta. A ideologia determina a filiação do sujeito a redes de memória para produzir sentidos para um “saber” que produz efeitos (PÊCHEUX, 1999).

É imprescindível se confrontar com essa memória sob a história que sulca o arquivo não escrito dos discursos subter-

râneos. O interesse desse heterogêneo discursivo, feito de cacos e de fragmentos, é que ele permite recuperar as condições concretas da existência das contradições através das quais a história se produz, sob a repetição das memórias estratégicas (PÊCHEUX, 1981).

O modo como os acontecimentos significam em mim se desdobra em questões que desejo responder, pois:

Os sentidos são determinados pela maneira como se dá a inscrição do sujeito na língua e na história, e como se dá o acontecimento na história do sujeito. O Real do Sentido. [...] é por essa inscrição na língua e na história que os sentidos se produzem na trajetória de pesquisa que se dá a construir (DIAS, 2011, p. 13).

Assim, envolvida pela teoria, sigo entre fazer um pouco da sua história, seus efeitos e críticas “provocações”, deslocamentos e constituir-me analista para me posicionar, por exemplo, como professora/pesquisadora, que reside em Barra do Garças (MT), uma cidade frequentada por indígenas, principalmente, os Xavante.

Considero sempre importante, frente a várias vertentes da Análise de Discurso, redizer a história, do meu jeito, sobre a vertente a que me filio. Ela teve inaugura-

ção na França, com Michel Pêcheux e colaboradores (década de 1960), foi e é difundida e renovada/ampliada no Brasil, a partir da obra de Eni Orlandi. Não é uma metodologia, é uma disciplina de interpretação que se dá na/pela intersecção de epistemologias distintas: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. É Orlandi (1996) quem credita à teoria a condição de *disciplina de entremeio*, já que sua constituição se dá às margens das chamadas ciências humanas, entre as quais ela produz um deslocamento significativo.

Henry (1997, p. 14) explicita a proposta de Pêcheux quando o autor aponta a abertura de uma fissura teórica e científica na área das Ciências Sociais e, assim, proporciona com a Análise Automática do Discurso um instrumento científico para as Ciências Sociais. O que seria para Pêcheux um instrumento? A resposta a este questionamento passa pela compreensão de que toda ciência é vista/produzida por uma mutação, o que lhe é peculiar na construção do conhecimento.

O autor segue dizendo que para Pêcheux a ciência em si é uma ciência da ideologia, com a qual se rompe (HENRY, 1997, p. 17). Nessa medida, a reinvenção dos instrumentos, das prá-

ticas técnicas, das práticas científicas é significativa. Ele diz que as ciências no jogo constitutivo de se projetarem criam seu próprio *spielraum*, se ajustando a novos espaços em prol de sua consistência. Espaços em que a ciência coloca questões através da interpretação de instrumentos pela teoria. Em outras palavras, é esse movimento da atividade científica que a faz uma prática.

É possível observar que as Ciências Sociais têm um sentido técnico, mas significativo com a prática política e com a ideologia no discurso. Assim, se é no/pelo discurso que se liga a humanidade, já que não há uma relação direta entre o sujeito e o mundo, nada mais significativo do que compreendê-lo, enquanto funcionamento, numa injunção a interpretação (cf. ORLANDI, 1996). Nessa dinâmica o sujeito é capturado na opacidade da linguagem. Paul Henry (1997, p. 24) cita Pêcheux “o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”.

Pensando por essa vertente discursiva, o espaço naturalizado torna-se promissor à reflexão teórica sobre as dessimetrias e



as dissimilaridades entre os interlocutores “em convívio” em determinadas condições de produção. É nesse ponto das amarras da diferença, configuradas no discurso, que Pêcheux constitui a ruptura, o dispositivo teórico. Daí é sempre relevante enfatizar o caráter revolucionário atribuído pela Análise de Discurso aos estudos da linguagem, afastando-se do aspecto formal e categorizador conferido pelo estruturalismo.

Não é minha pretensão recompor, neste artigo, toda a história da Análise de Discurso, até porque, o meu desejo é sempre o de experimentar o seu funcionamento na análise dos materiais. No entanto, é importante enfatizar que a Análise de Discurso se constituiu, em determinadas condições de produção, como um acontecimento nas práticas linguísticas que contrariavam as ideias dominantes do estruturalismo. Ela nasceu no interstício das contradições existentes entre as disciplinas da Linguística Imanente e as Ciências Sociais, como já dissemos, e se formou no lugar em que a linguagem precisa ser referida a sua exterioridade para que se apreenda o seu funcionamento, enquanto processo significativo. Arranca a linguagem da transparência ao expor o sujeito ao equívoco, à ideologia, na sua relação com o simbólico.

Daí, não fazer sentido, numa abordagem discursiva, pensar a imagem, circunscrita numa moldura, como um todo coerente. Nem tampouco pensá-la como um “meio privilegiado das intenções comunicativas” (SOUZA, 2001, p. 65).

O indígena presente na cidade de Barra do Garças, no/pelo enredamento discursivo, como materialidade significativa, no movimento possibilitado pela Análise de Discurso, funciona como condição de produção no discurso no âmbito do visível, ao mesmo tempo em que é constituído por uma rede de diferentes e conflitantes discursos se tornando opaco e contraditório para os sujeitos (HASHIGUTI, 2007).

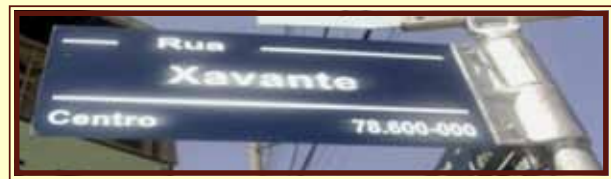
Ao olhar do outro, o sujeito (corpo do sujeito) significa pela sua materialidade colada à posição que se inscreve em um determinado espaço. Assim, ao lançar o olhar para o corpo indígena Xavante na cidade da pesquisa, não o vejo separado desse espaço, os dois se constituem, ou seja, é preciso considerar no gesto de interpretação a *espacialização do corpo*. Sobre essa imbricação, Orlandi (2004), no seu livro *Cidade dos Sentidos*, nos coloca que em diferentes espaços, diferentes corpos são permitidos, acolhidos ou excluídos, posicionando diferentemente

os sujeitos. Desse modo, podemos reafirmar que há uma interconstitutividade entre corpo e espaço na identificação do sujeito no discurso.

Levando em conta que venho chamando a atenção para o olhar, os jeitos de olhar, o corpo olhado e que se olha, seria preciso buscar fundamentos construídos historicamente acerca dos significados do corpo/olhar e muitos autores o fizeram, dentre eles trago Courtine (2008, p. 10), que afirma: “Jamais o corpo humano conheceu transformações e uma grandeza e de uma profundidade semelhantes às encontradas do decurso do século XX”. O autor enfatiza, no seu volume III, *as mutações do olhar* que se lançou sobre o corpo desde o apagamento da linha divisória do ‘corpo’ e do ‘espírito’ atravessando muitos pensadores e sendo inventado teoricamente na psicanálise. O enunciado “o inconsciente fala através do corpo” foi base de muitas interrogações e ainda o é. Aqui trato do corpo linguagem que se abre ao simbólico produzindo efeitos de sentido a partir do gesto de interpretação pela via do olhar que não desvincula o corpo indígena na relação com as imagens, desse sujeito, impressas no corpo da cidade.

A presença/frequência indígena no cor-

po da cidade imprime marcas na construção discursiva urbana (Imagens 1 a 3) como, por exemplo: numa placa de rua “Rua Xavante”; no nome da maior viação de ônibus do lugar, “Viação Xavante”, circulando em vários lugares; na fachada da “Auto Escola Xavante” [sic]; e, propriamente, na presença viva, frequente desses corpos indígenas que movimentam a, movimentam-se na/pela cidade e por



**Imagem 1** - Placa de uma rua em Barra do Garças (MT) (maio/2011).

**Fonte:** Elaborada pela autora.



**Imagem 2** - Muro do Prédio da Empresa Xavante em Barra do Garças (maio/2011).

**Fonte:** Elaborada pela autora.



**Imagem 3** - Fachada do Prédio da Autoescola Xavante (maio/2011).

**Fonte:** Elaborada pela autora.

este texto. Nomear é também dominar, a cidade é dominada pelo corpo e pela imagem do nome: Xavante.

A cidade, embora incorpore na sua organização a impressão do nome Xavante, enxerga o sujeito indígena como um fora do lugar, um corpo que não cabe na cidade, no entanto, paradoxalmente, vai criando uma *espécie de naturalização* acerca dessa presença/frequência na constituição urbana.

Como apresentado na materialidade significativa das imagens, observamos a inscrição do discurso de uma presença na escrita dos/nos lugares, pois o indígena, ele mesmo, contraditoriamente à presença marcante na cidade, não é um indivíduo no convívio das relações sociais (com raras exceções), pois, no geral, apenas faz parte de um cenário, como retorno a uma memória colonial/colonizadora, como um “enfeite”, ou um nome. Enquanto nome sim, enquanto sujeito não. Enquanto sujeito é negado, é alvo de preconceito, não chega a ser brasileiro, não devia estar na cidade, suja, enfeia, entulha o espaço urbano (BORGES, 2013). Essa presença é recoberta por uma naturalização que ressoa no discurso da população que indicamos com P1, P4, P5, como:

*Transgressão na organização social:* [P1] “Já acostumamos a ver índio por todo canto, jogado por aí”.

*Negação:* [P4] “É... tá normal, mas não devia de ser assim, eles devia se tocá e voltá pro lugar de onde veio”.

*Conformação:* [P5] “Fazer o quê? Já tão aí me smo né?”.

Outras formas de naturalização se imprimem em materiais que apelam para o uso de imagens de indígenas, não os que circulam pela cidade, mas que remontam ao imaginário de indígena da colonização, ou seja, com penas, pintados na contradição constitutiva do processo de identificação do sujeito indígena Xavante, imprimindo um desejo de que ele retorne ao que era. O jogo de imagens estereotipadas faz emergir lugares de enunciação, como o do *empreendimento*, o do turismo *ecológico* como esperança para a geração de empregos.

Fomos movidos a observar algumas imagens (Imagens 4 e 5), montagens no *facebook* do Portal do Araguaia - Agência de Viagem e Turismo, de Barra do Garça, e que consideramos bastante significativas para pensar o nosso objeto, nessa contradição.





**Imagem 4** – Publicação sobre tribos indígenas de Barra do Garças.

Fonte: PORTAL (2012).



**Imagem 5** – Publicação sobre a geografia de Barra do Garças.

Fonte: PORTAL (2012).

Primeiramente, é preciso observar que a imagem dos indígenas que aparecem nas fotomontagens (Imagens 4 e 5) não são nem de Xavante e nem de Bororo que frequentam a cidade de Barra do Garças, aliás, as indumentárias típicas e próprias para os rituais, não são, comumente, usadas na cidade, por um lado poderíamos pensar na ruptura com o imaginário de índio homogêneo, ou seja, há muitas etnias, diferentes entre si e entre nós, mas o lado que indica a circulação das fotomontagens é, sob a nossa perspectiva, focado no empreendimento realizado na/pela venda da imagem estereotipada de indígenas, como retorno à memória. O portal uti-

liza-se de um artefato tecnológico de montagem, cria uma estratégia para impressionar os turistas, vende a imagem, gira o capital.

Além disso, os dizeres impressos na Imagem 4 tomam a cultura indígena como *folclore*. Nesse caso, o indígena que frequenta a cidade, que é rejeitado desse espaço, no discurso, não coincide com o indígena das imagens em que o exótico é mostrado, oferecido.

Aqui, consideramos importante refletir no jogo discursivo, sobre a fotografia, reiterando que essa materialidade não funciona apenas como ilustração ela

é da ordem do não verbal e compõe a discursividade, não é um complemento, faz parte do processo de significação.

Um dos grandes desafios que se apresenta ao analista do discurso diante de uma materialidade discursiva que mistura o verbal e o não verbal é a própria definição da materialidade discursiva. Muitos trabalhos, fundamentados na Análise de Discurso, que tem o *corpus* construído de imagens, ao interpretar o funcionamento discursivo, apresentam-se como a Semiótica e muito de análise histórica.

O exercício de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, numa perspectiva discursiva, exige, também, a relação com a cultura, o social, o histórico, o sujeito, o espaço, as condições de produção. Por exemplo, uma fotografia consiste no aspecto material, nas técnicas fotográficas, no olhar de quem fotografa e, assim, como outras materialidades, expostas aos leitores estará sujeita a outras interpretações.

Ao se interpretar a imagem pelo olhar - e não através da palavra - apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espec-

tador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não-verbal. O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita (SOUZA, 2001, p. 73).

Courtine (2008), nos fala sobre os estúdios e empresários do cartão postal na França e na Inglaterra, no caso enfocando as bizarrices do corpo humano, de maneira a despertar a curiosidade. Com as palavras do autor:

A questão era a exploração das formas materiais de uma cultura visual da massa. Os modos de difusão desses singulares cartões postais demonstravam que a exibição do anormal tem precisamente por alvo a propagação de uma norma corporal. O monstro é sempre uma exceção que confirma a regra: é a normalidade do corpo urbanizado do cidadão que o desfile dos estigmatizados convida a reconhecer no espelho deformador do anormal [...]. A percepção das excentricidades do corpo, ilustrada por esses cartões tinha parentesco, de fato [...] com uma exploração da periferia do território nacional, com mergulho na profundidade dos campos distantes [...] da produção de

imagens médicas e de um exotismo etnológico (COURTINE, 2008, p. 280).

Não quero dizer que é o mesmo que ocorre na exposição de imagens do corpo indígena enfeitado, diferente, exótico, em condições de produção outras, mas os efeitos de sentido produzidos em quem olha recobre o objetivo de quem expõe considerando a sociedade de consumo, de proposições de empreendimento, do turismo chamado ecológico, exótico.

Outra imagem estereotipada que me intrigou nesse olhar para o indígena na cidade foi uma pintura em um muro (Imagem 6) que no enredo discursivo, sob o meu parecer, pode intervir no processo de (des)identificação do indígena Xavante, por exemplo, na relação com o rosto exposto/desenhado se abrindo para a rua, espaço público e, de certa forma, impondo um discurso de que ao artista tudo é lícito. Quando penso, assim e não de outro modo, me ponho a crer que ao analista de discurso, também, quando ele se utiliza desse dispositivo teórico para interpretar.

O indígena da fotografia não é um Bororo, não é um Karajá, não é um Xavante, a imagem materializa uma

memória da imagem que se tem de indígena, mas não de um sujeito indígena de uma determinada etnia. Nesse caso, é possível enxergar, na materialidade da figura, a conjunção de elementos de diversas etnias: colar de um povo, cocar de outro, brincos de outro e na própria fisionomia não há uma marca que possibilita dizer: esse indígena é do povo Xavante, por exemplo. Reafirmo é uma criação que retoma o imaginário indígena genérico. Assim é possível asseverar que, pelo imaginário que se tem de índio, trata-se da pintura de um sujeito indígena; contudo, é impossível identificá-lo em uma etnia específica. É uma imagem feita que afeta o olhar curioso. Tomo novamente Courtine (2008, p. 323), quando o autor coloca que:

A produção e a distribuição em massa das mercadorias culturais, a urbanização dos públicos, a sistematização das técnicas de fabricação das imagens determinam as expectativas, padronizam o modo de recepção, homogeneízam as respostas emocionais: a fábrica de sonhos inventa o espectador moderno.

A quantidade diversa de materiais significantes espalhados na cidade imprimindo a marca indígena, isto é, discursos sobre, de, para os indígenas em



**Imagem 6** – Pintura em um muro da cidade de Barra do Garças (maio/2011).

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Barra do Garças funciona significando-os neste espaço. Porém, a pluralidade de materiais que toma conta dos espaços sem que os sujeitos se deem conta, sem controle, se mostrando visíveis/invisíveis, encontra os discursos de negação do sujeito indígena. A imagem que é produzida é outra. Esse é mais um modo de disfarçar os sentidos que produzem e reafirmam a explosão do social no espaço urbano. É possível pensar como Orlandi (2012, p. 195), em *Transbordamento de um excesso de linguagem*,

quando a autora trata da tatuagem no corpo, o sujeito se textualizando ou do grafiteiro na produção de inscrições nos muros da cidade. Já em 2004, Orlandi escreveu que:

[...] na prática capitalista a materialidade simbólica da cidade fica reduzida à urbanização: a cidade e o social passam a significar somente pela discursividade urbanista. Assim, “a quantidade estruturante (n) da cidade, não se metaforiza bem: o tempo urge, o espaço é entulhado, o outro é inimigo. O conflito, a diferença, o



social se transferem, naturalizadamente, para os sentidos da violência. (ORLANDI, 2004, p. 35).

O que as incursões no corpus possibilitam visualizar são deslocamentos discursivos desde a conversão missionária/colonizadora da época do “descobrimento” para outras discursividades, nas condições de produção atuais, fundadas no real da história=na contradição.

É na perspectiva que trabalha Barbai (2010) que nos orientamos para ampliar a reflexão, o autor utiliza o termo despersonalizado remetendo-o ao imigrante brasileiro deportado, atentemos:

A deportação não silencia o corpo quebrado, desenraizado do espaço. Ela produz uma disjunção entre corpo e voz, fazendo a boca balbuciar e exibir o corpo como um resto, uma sobra que transforma a voz em cacos de enunciação, ponto de furo do interdiscurso no intradiscurso. Viver *despersonalizado* é habitar no limiar entre o nacional e o intruso, o jurídico e o ilegal, a vida e a morte, o humano e o inumano. Porém, não se apaga a vida: a acústica da voz em um corpo habitado pela quebra. (BARBAI, 2010, p. 32, grifo nosso).

Em Barra do Garças, sob o nosso olhar, o sujeito indígena materializado pelo

desenho da nomeação, pela disposição/exposição de imagens diversas no espaço urbano funda uma cidade Xavante, na contradição com o sujeito presente/frequente, pois, diferente do sujeito deportado em que “não se apaga a vida: a *acústica da voz* em um corpo habitado pela quebra”, os Xavante, no silêncio da língua própria que o Outro desconhece, se impõe na materialidade do corpo que circula no espaço da cidade entre o vir e retornar à aldeia, corpo que se mostra, que resiste à invisibilidade, diríamos, ao processo de colonização, de *despersonalização*. Para fortalecer a reflexão cito Orlandi (2011, p. 15), no que concordamos:

A materialidade do sujeito implica o corpo. O que em si é uma inversão do que diz Foulcaut (1977, p.70), onde ele afirma que a materialidade do corpo implica o sujeito. A perspectiva de que ele fala permite a M. Pêcheux criticá-lo em seu sociologismo.

O interdiscurso - a memória afetada pelo esquecimento- é irrepresentável, mas, no funcionamento se presentifica na textualização do discurso, na materialidade significativa, nos vestígios deixados pelos gestos de interpretação. Desse modo, posso dizer que, no



processo de configuração (e legitimação) de determinadas forma-sujeito na relação como outras formas materiais, há recorrências discursivas e há, necessariamente, a produção da resistência. No caso deste texto, interessa-nos, que se compreenda, que se reflita questões importantes para o campo teórico da Análise de Discurso, sobretudo, pelo fato de que em toda relação com os sentidos ficam vestígios passíveis de serem mobilizados. Nesse movimento, sob o efeito ideológico, sujeito/espaco e sentido vão se constituindo na trama indelével do discurso.

Ao apresentar a proposta inicial deste texto eu disse sobre a importância de nos conhecermos e conhecer o “outro”, o diferente que faz parte do nosso espaço de vivência. Quanto a mim venho me desafiando a, pelo menos, produzir algumas reflexões em relação ao que toca historicamente os povos indígenas.

Ao “final” é preciso dizer que a relação sujeito/cidade é, de fato, um espaço movente, dinâmico, um universo opaco chamando à interpretação. A cidade expõe as diferenças, e nos expõe ao cruzamento de sentidos heterogêneos, principalmente, quando se trata de

tramas como as que abordamos.

Certificamos que o espaço naturalizado é promissor à reflexão teórica sobre as os sujeitos “em convívio” nas mais diversas condições de produção e na constituição do processo de identificação/subjetivação desses sujeitos.

É importante reafirmar a prática política-ideológica conferida pela Análise de Discurso aos estudos da linguagem e os efeitos de sentido da teoria em mim, pois venho experimentando os deslocamentos na compreensão teórica e na análise dos materiais, na relação com a sociedade, o mundo, o político na produção dos meus escritos.

É preciso sempre reiterar que a Análise de Discurso partiu do materialismo histórico. E foi desse lugar que teceu críticas às filosofias espontâneas da linguagem de caráter idealista. Esse fato não é perceptível para muitos estudiosos, mas o próprio Pêcheux reconheceu que não escapamos dos riscos de cair no idealismo naqueles pontos onde “pensamos” ser materialistas, mas é, na contradição, que podemos trabalhar o imaginário de que os sujeitos concretamente fazem sua história. Se não nos

debruçamos sobre essa questão, nos impossibilitamos de entender e, assim, propor possíveis enfrentamentos ao desumanizante sistema capitalista.

Um aspecto forte dessas considerações “finais”, que se encontra, também, na tese de doutorado, já anotada, está em que a forma sujeito histórica capitalista, dominante, não atinge integralmente o indígena Xavante na cidade, ainda que interpelado por essa forma sujeito, sofrendo/vivendo sob esse modo de produção, os indígenas Xavante, que se deslocam para a cidade carregam outra formação social, outro modo de produção. Pêcheux (1988, p. 286) “no próprio sujeito, os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/*non sens* do sujeito dividido”, dividido entre a aldeia e a cidade, a forma histórica Xavante-da aldeia e a forma histórica ocidental-da cidade.

Na perspectiva ocidental o poder não alcança, na totalidade, a memória Xavante, não porque são “incapazes”, “inferiores”, “incompetentes”; mas porque resistiram/resistem a esse tipo de organização negaram-se a constituir um

Estado como o modelo ocidental, que tem como base as categorias *comando-obediência*.

A passagem ao ambiente urbano, às vezes é colocada como automática cristalizando-se, assim, estados ou situações, em modos de ser. Diferente de outros modos de migração, de outros povos, o deslocamento da aldeia para a cidade pode se dar, também, como migração em relação a determinados povos indígenas que migraram para as cidades e passaram a habitá-las, como os Pankararu migraram do nordeste brasileiro e se estabeleceram nos arredores, em favelas da cidade de São Paulo; mas, por exemplo, não podemos dizer o mesmo sobre os Guarani-Kaiowá em Dourados (MS), já que ali a cidade é que cresceu e “engoliu” a aldeia. São muitos e diferentes casos que carecem de tratamento diferenciado. O que analisamos é diferente em relação aos dois exemplos apresentados, pois como em Barra do Garças (MT) os Xavante são frequentes, por assim dizer: estão em um vai e vem constante entre as aldeias e a cidade.

As especificidades de cada caso implicam modos (e intensidades) de relação específicos com a cidade. Há de se levar em conta a sócio cosmologia

de cada povo, a formação social e os discursos constitutivos do sujeito. Ao olhar do outro, o corpo/sujeito significa pela sua materialidade colada à posição que se inscreve em um determinado espaço. Assim, ao lançar o olhar para o corpo índio Xavante na cidade da pesquisa, não o vi separado desse espaço, os dois se constituem, pois, no gesto de interpretação produz-se a *espacialização do corpo*. Nesse ponto é relevante imprimir que há uma interconstitutividade entre corpo e espaço na identificação do sujeito no discurso.

Corpo/sujeito/nome/imagem se constituem na materialidade do acontecimento Xavante na cidade de Barra do Garças, mas no real da história impera a contradição, e o próprio do acontecimento que realiza no direito a um dos modos de inscrição no urbano.

Enfatizando que, no caso deste texto, a imagem irrompe como um acontecimento do significante entre o gesto artístico e o gesto interpretativo a que a sociedade e, em especial, os educadores deveriam ter acesso.

## Referências

BARBAI, Marcos Aurélio. Travessias contemporâneas: o brasileiro clandestino deportado. *Revista Guavira – Letras*, Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, n. 10, p. 25-39, jan./jul. 2010. ISSN 1980-1858. Disponível em: <<http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/269/239>>. Acesso em: maio 2016.

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. *Da aldeia para a cidade: processos de identificação/subjetivação do índio Xavante na cidade de Barra do Garças/MT, alteridade irreduzível?* 2013. 265 fls. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2013

COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo: as mutações do olhar – o século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DIAS, Cristine Pereira. *Cidade, cultura e corpo: a velocidade do mundo*. Campinas: Labeurb/Unicamp, 2011.

HASHIGUTI, Simone. O corpo como materialidade do/no discurso. In: SEMINÁRIO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2007, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/3SEAD/Simposios/SimoneHashiguti.pdf>>.

Acesso em: ago. 2011.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 13-38.

\_\_\_\_\_. O recorte significativa na memória. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2007, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2007. Disponível em: <[www.discursos.ufrgs.br/sead/trabalho\\_aceitos](http://www.discursos.ufrgs.br/sead/trabalho_aceitos)> Acesso em: fev. 2009.

MALDIDIER, Denise; GUILHAUMOU, J. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. Tradução de Suzy Lagazzi e José Horta Nunes. In: ORLANDI, Eni et al (Orgs.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso*. Campinas: Editora RG, 2010.

\_\_\_\_\_. Ler Michel Pêcheux hoje. In: *Análise de Discurso – Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011. p. 11-20.

\_\_\_\_\_. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. L'étrange miroir de l'Analyse du Discours. *Langages*, Paris, n. 62, p. 5-8, jun. 1981.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). 2. ed. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. (2007) Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al (Orgs.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 19, p. 7-24, 1990. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3011/4094>>. Acesso em: maio 2016.

\_\_\_\_\_. *Sobre a (des-) construção das teorias linguísticas* (1982). Tradução de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. *Revista Línguas e Instrumentos linguísticos*, Campinas, n. 2, 1999.

PORTAL DO ARAGUAIA. Disponível em: <<http://www.viagens.portaldoaraguaia.tur.br>>. Acesso em: fev. 2012.

SOUZA, Tânia Clemente. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Rua – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 65-94, 2001.